

diário crítico de  
**SERGIO  
MILLIET**

**I**



**Martins • Edusp**

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Câmara Brasileira do Livro, SP

M593d  
v. I  
2.ed.

Milliet, Sérgio, 1898-1966.

Diário crítico de Sérgio Milliet; introdução de Antonio Cândido. — 2. ed. — São Paulo : Martins, 1981-

Conteúdo: v. I. 1940-1943. — v. II. 1944.

1. Crítica de arte 2. Literatura brasileira — História e crítica 3. Literatura — História e crítica  
I. Cândido, Antonio, 1918- II. Título.

CDD-869.909  
-709  
-809

81-0747

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Estudos críticos 709
2. Literatura : História e crítica 809
3. Literatura brasileira : História e crítica  
869.909



# Diário Crítico de Sérgio Milliet

(1940-1943)

2.<sup>a</sup> edição

Vol. I

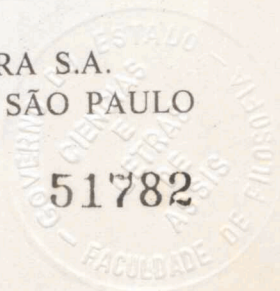
INTRODUÇÃO DE ANTONIO CANDIDO

0701051782



LIVRARIA MARTINS EDITORA S.A.  
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

51782





Traduz-se dia a dia mais entre nós. E melhor do inglês que do francês, o que não deixa de ser espantoso e significativo. Em geral os tradutores são moços que se iniciam nas letras e a nova geração não sabe francês. Aprendeu-o mal nos ginsios e não teve oportunidade de pratica-lo. Já com o inglês não só os metodos de ensino são superiores como tambem existe o treino efficientissimo do cinema. As peores traduções são, porem, as que se fazem do espanhol. A semelhança das linguas permite os mais absurdos dealises.

Creio que já chegou a hora de cortar o credito aos tradutores, esse credito de que se beneficiaram durante tantos anos. Os comentarios ás obras traduzidas devem atingir igualmente as traduções. Uma nota boa aos que a merecem pode ajuda-los na carreira ingrata. Não é justo aliás que se mantenham sempre discretamente na sombra. Mesmo porque certas traduções, de tão perfectas, se transmutam em obras de criação propria. O tradutor toma do tema e o recria dentro de uma equivalencia de valores e não á moda de uma copia servil. Estou pensando nas pequeninas obras primas de Guilherme de Almeida, com seus Poetas de França, publicados anos atrás, ou com seu livro mais recente "O amor de Bilitis". E ha, na realidade, uma tal integração do poeta nos poemas traduzidos que ninguem mais pensa em Pierre Louis. Para todos os efeitos o "Amor de Bilitis" é uma obra de Guilherme de Almeida. Tal qual "A flauta que eu perdi", ou "Messidor".

1 Novembro 1943 — O primeiro conto que eu li de João Alphonsus, foi "Galinha Cega". Se não me engano, em "Terra Roxa... e outras terras" que secretariei para Antonio de Alcântara Machado, Couto de Barros e Paulo Prado, directores. Entre outras coisas bonitas que Terra Roxa fez houve a troca de uma carta de Anchieta com trinta sacas de café (está no Museu do Ipiranga) e a publicação de algumas coisas do grupo de Cataguazes. Foi nessa epoca que conheci o pessoal mineiro. Bacana, como diz meu filho. Rosario Fusco, Edmundo Lys, todos eles, os de *Verde*. E foi nes-



epoca que eu li *Galinha Cega*. Entusiasmei-me apesar da proverbial frieza; e comigo Alcantara Machado que daí por diante passou a ter os mineiros em especial consideração.

Só Deus sabe a que ponto Antonio era antipático. Aque-la risada agressiva e impiedosa interrompendo o silencio desconfiado quando menos o <sup>o</sup>sujeito esperava! Para que se entusiasmasse era preciso dar de cara com um talento de verdade. Irrefutavel. Pois foi assim que ele acolheu João Alphonsus. Depois perdi de vista o autor de *Galinha Cega*. Encontro-o de novo em "Eis a Noite".

A bem dizer não classifico com clareza o que me prende tão fundamente aos contos desse mineiro. Gosto deles como gosto de certos poemas, sentindo mais do que entendendo. Sua prosa envolve e inibe o meu senso critico. Uma fantasia trágica, ou melhor, uma tragicidade gratuita, que se arranca do cotidiano, inexoravel, condensada, não sei. Uma poesia cheia de pudor talvez. E' difficil escrever sobre João Alphonsus. Mas um dia escreverei: quando o conhecer melhor ainda.

Com esses mineiros a gente nunca sabe. São extremamente ricos de vida interior e a cada nova leitura descobre-se mais um pouquinho deles. Quando tudo parece claro a gente percebe que está apenas no começo. No entanto não há pessoal mais simples na escrita, menos rebuscado, mais hostil ao modismo. Não é a frase deles o difficil, é a essencia toda. Li Carlos Drummond de Andrade várias vezes e ainda não me vanglorio de tê-lo esgotado. Assim João Alphonsus, o cabloco João Alphonsus contando casos em que há sempre um misterio por desvendar. E um res-tinho de comentário que fica em suspenso.

14 Novembro 1943 — Visita ao atelier de Bonadei, a meio caminho de Santo Amaro. Como é suave a ondulante paisagem pobre de nossos arrabaldes, e como explica o amor aos cinzas dos pintores de S. Paulo, sua consciência plástica e sua carência de intelectualismo! Apesar do verão entrante e do sol valente, um aragem macia refresca a atmosfera. Debaxo das árvores faz frio até. Bonadei mostrá suas com-